
A REFORMA DA ESCOLA COM MANOEL BERGSTROM LOURENÇO FILHO E AS BASES DE UMA NOVA ESCOLA NO BRASIL

Selma Cotta Chauvet Coelho

INTRODUÇÃO

Foi lento o processo de autonomia do pensamento pedagógico brasileiro. A educação brasileira, quase até ao final do século XIX, reproduzia o pensamento religioso jesuíta. Nos colégios, preparavam-se novos missionários, doutrinando-os. Determinavam-se os graus de acesso ao conhecimento, a uns mais, a outros menos. Assim o ensino conservador, verbalista e retórico ia delineando o aluno que memoriza e repete, em uma escola competitiva, discriminatória, dedicada à formação das elites coloniais.

Com o pensamento iluminista, ganha força a formação do cidadão através da escola. Rousseau (1712-1778) torna central, pela primeira vez, o tema da infância na educação; Froebel (1782-1852) mantendo as preocupações com o universo infantil, sustentou a importância das atividades lúdicas no processo de desenvolvimento da criança, tornando-a ativa ao invés de moldável pelas impressões externas; Pestalozzi (1746-1827) criou um método que privilegiava o desenvolvimento psíquico da criança, em detrimento da aquisição de conhecimentos e Kant (1724-1808), dentre outros, acreditava que por meio de sua própria razão o homem desenvolve-se inteiramente, civiliza-se (GADOTTI, 2005, p. 87-91).

Num cenário de mudanças, a partir dos últimos anos do século XIX tem início o movimento da Escola Nova, na educação, que se estendeu por vários países do mundo. As descobertas realizadas pelos iluministas derivaram numa nova compreensão das necessidades relacionadas à criança e ao jovem, numa crítica à escola que se organizava em função da transmissão de conteúdos, por meio da palavra e da memória.

À frente deste movimento pela mudança na educação, estava Adolphe Ferrière que fundou o Bureau Internacional das Escolas Novas, em Genebra, irradiando o movimento para toda a Europa e América. (GADOTTI, 2005, p. 142-143).

Tendo como símbolo, duas crianças elevando com suas mãos o globo terrestre, sob a inscrição: *Ut per juvenes ascendat mundi* [Através dos jovens eleva-se o mundo], o Bureau retratava a crença na criança, como centro das perspectivas educativas.

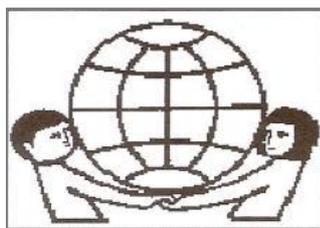


Figura 1. Símbolo do Bureau Internacional de Educação

Sob a mesma ótica, o Instituto Jean Jacques Rousseau apresentava como símbolo gráfico, uma criança, ao lado de um adulto com um livro na mão, apontando para o mundo do lado de fora de uma janela, como a pedir que o professor lhe ajudasse a ir até lá, em busca do conhecimento. O que se pretendia era a irradiação, para o mundo, da crença num projeto de relações mais igualitárias entre aluno e professor, a animar os educadores escolanovistas, como enunciado em CAMPOS, ASSIS e LOURENÇO (2002, p. 15-16).

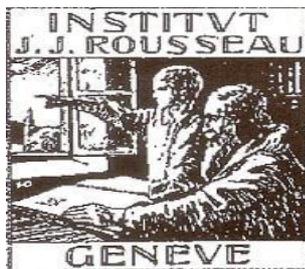


Figura 2. Símbolo do Instituto Jean-Jacques Rousseau

No Brasil, o Movimento Escolanovista chega por volta de vinte anos após já ter se consolidado na Europa e nos países americanos, na crença de que a ação educativa da escola poderia se constituir num importante meio de adaptação à uma sociedade em intensas transformações e um aliado na luta de novas forças sociais em decorrência de modificações na estrutura econômica (COELHO, 2007, p. 48-49).

Num período entre guerras, vários interesses culturais, econômicos e sociais dominaram a cena nacional e levaram a inúmeras manifestações urbanas que retratavam a insatisfação da população.

No Brasil, a escolha por um modelo econômico, utilizando o capital estrangeiro veio a concentrar os lucros nas mãos de alguns, excluindo a maioria da população, apesar de protagonistas na produção da riqueza do país, como mão-de-obra. A intensificação do processo de industrialização, amplia as discussões acerca da criação e oposição de duas classes sociais que lutam pela supremacia, a burguesia industrial e o operariado. Organizam-se várias manifestações urbanas, retratando de forma mais objetiva a insatisfação dos setores excluídos da população, que continuavam sendo ignorados pelos governantes.

O crescimento do setor médio da população, também sentido-se prejudicado pela política vigente, aumenta o coro das reivindicações e exigências feitas pela maior parte da população. (RIBEIRO, 2003, p. 96-97).

Estes conflitos geraram uma ebulição na sociedade, que clamava por mudanças, sem que tivessem claro o que deveria ser feito para resolver as insatisfações.

Neste panorama, cresce a importância atribuída à educação, caracterizando-se este período como o “*entusiasmo pela educação*”, que Nagle (1974 apud RIBEIRO, 2003) traduz como:

[...] a crença de que, pela multiplicação das instituições escolares, pela disseminação da educação escolar, seria possível incorporar grandes camadas da população na senda do progresso nacional e colocar o Brasil no caminho das grandes nações do mundo [...].

Diante da demora de medidas educacionais, vários intelectuais, inspirados nos princípios da Pedagogia Nova, iniciaram o movimento da Escola Nova no Brasil.

No ano de 1924, é criada a Associação Brasileira de Educação com o objetivo de difundir o Movimento Escolanovista, por meio dos estudos realizados pelos teóricos que a organizaram, com base na literatura produzida pelo Movimento Escolanovista na Europa e Estados Unidos. Iniciam-se nesta década de 1920, pelas mãos de Fernando Azevedo, Lourenço Filho, Francisco Campos, Anísio Teixeira e outros intelectuais. (COELHO, 2007, p. 58-59).

Este período foi marcado por novas ideias, que trariam novas práticas, na busca por mudanças na escola competitiva, baseada na memorização e repetição. Em resposta a isto, valorizariam o respeito à liberdade e à individualidade dos sujeitos, tendo por base os avanços científicos da biologia e da psicologia aplicadas à educação.

Na crença de que a educação era um fator determinante na mudança social, iam assim concebendo-a como algo isolado do contexto, sem que tivessem total clareza das verdadeiras relações que a educação estabelecia ao seu redor. Apesar de haver uma preocupação dos educadores que lideravam este movimento, com a construção de uma política nacional de educação, importa sabermos se estas mudanças estabeleceram novos rumos para a escola que existia.

Nesta construção, analisar a doutrina de Manoel Bergstrom Lourenço Filho, um dos líderes de maior expressão por uma nova escola para o Brasil, pode contribuir para esclarecer se suas práticas inovadoras, símbolo de uma educação em mudança, vieram realmente a transformar o cenário educacional, criando sentidos, dando novos significados e provocando as aprendizagens, ou se simplesmente ajudaram a reificar o sujeito cartesiano, revestindo-o de novas teorias?

Assim, importa sabermos que sentidos tais mudanças trouxeram ao ensino ? De que forma isto se refletiu na escola que temos hoje?

É isto que faremos a partir de agora, através da obra de Lourenço Filho: *Introdução ao estudo da Escola Nova* ([1978] 2003):

LOURENÇO FILHO – POR UMA NOVA ESCOLA PARA O BRASIL- PARA TODOS?

Lourenço Filho nasceu no estado de São Paulo, em 1897. De família de imigrantes suecos e portugueses dedicou-se desde cedo à educação.

Foi professor, jornalista, pesquisador em psicologia experimental, com diversas publicações na área da psicologia educacional (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 27).

Foi presença marcante nas reformas de instrução pública no início do século XX, teve obra publicada em função da qual ele foi eleito para a Academia Paulista de Letras e premiado pela Academia Brasileira de Letras. *Introdução ao Estudo da Escola Nova* (1930) e *Testes ABC para verificação da maturidade necessária à aprendizagem da leitura e escrita* (1932) Nunes (1998, p. 6).

Como educador procurou intervir na organização da sociedade brasileira, de modo a engajá-la nas mudanças sociais que acompanhavam os processos acelerados de modernização a partir da década de 1920, num cenário de recuperação econômica mundial (HOBSBAUWN, [1995] 2012, p. 15).

Neste período discutia-se a nacionalidade como um organismo social doente a necessitar de remédio para sua cura.

Segundo Hochman, nosso país se defrontava com a presença avassaladora de endemias rurais em todo o território nacional, indicando o abandono das populações pelo poder público. A falta de políticas públicas de saúde e de saneamento básico levou à criação do movimento sanitarista, que chamava as elites e as instituições políticas a se comprometerem com a saúde e o saneamento da população. Esta falta de políticas de saúde e saneamento não ocorria apenas nas regiões mais longínquas ou desabitadas do nosso país, mas nas áreas suburbanas da principal cidade do país, o Rio de Janeiro, na ocasião, sede dos poderes da República.

Para o movimento sanitarista a doença marcava a sociedade brasileira, desafiava suas elites e instituições políticas (o federalismo e a autonomia dos estados), exigindo a intervenção, técnica e

financeira do poder federal, para a implementação de políticas de saneamento e saúde pública (HOCHMAN, 1998, p. 3).

No Brasil os debates sobre saúde e saneamento ocorreram a partir de inúmeros movimentos de caráter nacionalista, num período de pós-guerra, afirmando os princípios da nacionalidade e de melhoria racial como necessários às transformações em curso. Já no ano de 1912, relatório da expedição médico-científico do Instituto Oswaldo Cruz, ao interior do Brasil, apresentava um país com uma população atrasada, doente, improdutiva e sem nenhuma identificação com a pátria. Com isto, foram criados neste período, muitos movimentos e organizações nacionais que pretendiam recuperar e/ou fundar a nacionalidade, saneando os “sertões” (HOCHMAN, 1998, p. 4).

Preocupado com a cultura brasileira e suas “patologias”, Lourenço Filho, optou por resolver sua preocupação no âmbito restrito das atividades de pesquisa. Ele tratou da educação como integração nacional, questão da sua época, do ponto de vista biológico, conforme anunciado em Nunes (1998 apud SILVA, 1983, p. 75).

Sob influência do curso de medicina que frequentara por dois anos e dos princípios do movimento higienista, Lourenço Filho foi chamado, em 1922, a reformar o sistema de ensino nordestino, dentro dos princípios escolanovistas. Neste período realizou um senso escolar para determinar onde as escolas deveriam se localizar. Introduziu nas escolas primárias locais, ao lado da alfabetização básica, conhecimentos que considerava úteis para a vida cotidiana, relativas à higiene, num currículo que deveria acompanhar as leis do desenvolvimento da criança, e em uma escola onde os educadores tinham por tarefa investigar as habilidades e aptidões dos alunos, a fim de orientá-los em suas escolhas na educação e para o trabalho (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 29).

Foi justamente sua incumbência, de reorganizar o ensino público no Ceará, que o levou a percorrer os sertões a fim de instalar escolas e, conseqüentemente, a examinar as condições da vida regional e da mentalidade do sertanejo.

Afirmando o nordeste como lugar distante culturalmente dos centros modernos, Lourenço Filho atribuía a isto, todo o fatalismo, misticismo e atraso que caracterizava aquele povo, que, segundo ele, seguia messianicamente o padre Cícero (Id, p. 32).

Neste cenário de modernização, Lourenço Filho propõe também a reformulação da educação das elites e das camadas populares. Para os trabalhadores, haveria que se expandir a escolarização primária, encarregada da educação das camadas populares e ao mesmo tempo a seleção dos mais dotados para serem educados nas escolas secundárias e nas instituições de ensino superior.

Num sistema seletivo, de sentido meritocrático, Lourenço Filho vislumbrava a substituição das elites tradicionais, baseada na herança patrimonial, como era comum no Brasil, por uma ordenação baseada no mérito, através da formação em instituições de ensino superior, na crença de que, pela educação, seria possível uma reforma social promovida por uma elite intelectual moderna (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 32).

No delineamento de uma nova escola que se organizava para atender às necessidades da nação, em uma perspectiva funcional, no uso de procedimentos técnicos baseados em estudos científicos, ao lado do uso de testes de verificação do potencial de aprendizagem, estavam as atividades de laboratório no ensino de formação de professores. A presença desses laboratórios cuja origem não estava atrelada as faculdades existentes, mas sim a instituições que lhe eram concorrentes, relacionava-se a tentativa de acumular um conhecimento empírico sobre a população brasileira, seus hábitos, temperamento, caráter, com o objetivo de controlar e corrigir o comportamento adulto da criança. Assim, sob o patrocínio da ciência as Escolas Normais cumpriam o papel de refletir sobre os costumes da sociedade (NUNES, 1998, p. 12). De que modo esta tarefa se constituiu?

No início do século XX, com a igreja comandando o campo educacional, certos colégios jesuítas criaram os melhores laboratórios de ciências naturais do país, sendo seus professores-padres, pesquisadores importantes da fauna e flora brasileira sendo, inclusive, colaboradores de revistas estrangeiras. Nunes nos mostra que era desejo da igreja, neste período, perpetuar os seus domínios sobre a educação, para isto, cria um projeto que exigia um árduo esforço socializador, no sentido de valorizar a ciência, a indústria e a democracia. Nesta intenção, a criação de um projeto pedagógico, no Rio de Janeiro e em outras cidades brasileiras, denominado, Instituto de Educação ou Escola Normal, incorpora os laboratórios como uma prática científica moderna, que fora introduzida no país nos anos de 1910, antes de serem absorvidos pelas Escolas Superiores de Medicina, instituições que lhes faziam concorrência (NUNES, 1998, p. 3-4).

Os Institutos de Educação ou Escolas Normais tornaram-se o local de formação profissional do educador, reunindo as conquistas da ciência do século XIX, particularmente nas áreas da Biologia, Psicologia e Estatística aplicada à educação. Estes Institutos tinham por intenção, a mudança na visão pedagógica e por extensão, da mentalidade coletiva. NUNES refere-se aos laboratórios, como os espaços que procuraram “[...] *substituir a igreja na tarefa de normatização e enquadramento dos costumes urbanos no trato do corpo, no uso do espaço e do tempo e na convivência social*” (NUNES, 1998, p. 4).

Esses laboratórios de psicologia experimental, delineados por especialistas italianos, caracterizavam-se por um rigoroso espírito de análise e também pela fundamentação mais biológica que social, adotando ideias comportamentalistas e discutindo os experimentos de Pavlov e os princípios de Watson. O trabalho de Lourenço Filho com os testes de maturidade para crianças em idade escolar e os testes mentais, como meio de diagnóstico da evolução do desenvolvimento do aluno, eram, segundo ele, garantia de cientificidade. O uso destes testes, para Lourenço Filho, baseava-se na crença de que eles equivaliam-se, na pedagogia moderna, ao que as leis de Newton haviam representado para a física. (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 27-34).

A nova educação, segundo Lourenço Filho, também conheceria as potencialidades da criança medindo, mensurando comportamentos naturais com a maior precisão possível. Assim Lourenço Filho propôs o uso do teste mental *ABC*, de sua autoria, no tratamento especial de alunos repetentes, em Piracicaba, no ano de 1925. Segundo ele, esse teste identificava as diferenças individuais, os níveis de maturidade entre as crianças analfabetas, detectando sua prontidão para a alfabetização e conhecendo alguns dos fatores que concorreriam no processo de leitura e escrita da criança: coordenação viso-motora, índice de atenção dirigida e de compreensão geral (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 41).

Neste teste *ABC*, de acordo com os resultados aferidos, as crianças eram organizadas nas classes de acordo com o grau obtido: os “bem-dotados”, os “normais” e os “sub-normais”. Trabalhos corretivos no âmbito médico e/ou no âmbito pedagógico eram indicados, quando a criança seria encaminhada para instituições mais adequadas ou turmas mais lentas. Os casos mais graves poderiam ter sua matrícula interrompida na escola (NUNES, 1998, p. 8).

Lourenço Filho, como um dos ideólogos do movimento da Escola Nova no país, foi também o responsável pela organização de uma obra de referência sobre as teorias escolanovistas européias e norte-americanas para uso dos educadores brasileiros. Algumas das ideias postuladas por ele contribuem aqui, para delinear o Lourenço Filho educador:

– Descreve a educação como um processo de condicionamento do comportamento, cujos objetivos deveriam ser definidos previamente levando em consideração a situação a qual o aluno deveria se adaptar, numa descrição em bases científicas fornecidas pela psicologia e fisiologia.

Neste modelo, ganha força o papel da hereditariedade. Assim, Lourenço Filho afirma a existência de habilidades diferenciadas nas crianças, derivada de suas habilidades intelectuais herdadas. O uso das atividades de aprendizagem propostas por Decroly e Dewey como os centros de interesse e o método de projetos, tinham por função, considerar as diferenças individuais dos

alunos em planos flexíveis de trabalho diário ou semanal, no lugar de horários mosaicos com discriminação de lições por minuto.

Segundo ele, a educação do povo era uma condição para o equilíbrio social. Em uma nação composta de centros culturais modernos, cercados de margens menos desenvolvidas culturalmente, a educação era fator de coesão social e reeducação dos adultos.

Lourenço Filho propõe que educadores e pais aplicassem os conhecimentos da psicologia da infância e, sobretudo, a psicanálise em suas tarefas educativas. Assim, com base em Freud, Wallon e Piaget, Lourenço Filho descreve as fases do desenvolvimento emocional da criança (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 35-48).

Como ideólogo de um movimento que propunha mudanças para o Brasil, através da educação, Lourenço Filho ajudou a construir uma escola que ia se expandindo para acompanhar os processos acelerados de modernização, a partir da década de 1920.

Com base em conhecimentos científicos estabelecidos mediante processos empiricamente verificáveis e inspirado nos ideólogos suíços e norte-americanos, Lourenço Filho ajudou a construir uma Nova Escola. Mais solidária e dirigida ao povo brasileiro, ou apenas revestiu a escola de novas teorias? E se assim foi, essas teorias dialogavam com os sujeitos escolares?

Chegou o momento de sabermos que sentidos tais mudanças trouxeram ao ensino e de que forma isto se refletiu na escola que temos hoje.

LOURENÇO FILHO E OS SENTIDOS DE VERDADE DE UMA NOVA ESCOLA

Lourenço Filho foi um grande ideólogo da nossa educação. Numa conjuntura intelectual em que a Universidade e a tradição de pesquisa eram inexistentes, ele lançou luzes sobre os debates que discutiam o caráter nacional brasileiro e pontuavam a nação como raça. Como um dos intelectuais do movimento pela renovação da educação, acreditava que a disseminação da educação escolar colocaria o Brasil no caminho das grandes nações do mundo. Ao idealizar um projeto para a nossa escola, Lourenço Filho retira-a do torpor burocrático que a caracterizava, lançando questionamentos acerca dos modelos pedagógicos existentes. Neste espaço, a criatividade também passa a ser valorizada, questão, que no seu conjunto, se opunha ao modelo tradicional vigente.

Acontece, que a utilização de novos métodos e processos educacionais baseados em conhecimentos científicos, numa educação obrigatória, pública, leiga e gratuita como um dever do estado, pareciam caminhar em oposição ao ideário que uma grande parcela dos alunos, suas famílias e os professores haviam construído sobre a escola.

Sem levar em conta as diferenças sociais e culturais, Lourenço Filho e os teóricos ligados ao movimento por uma Nova Escola, compreendiam como papel da educação, disciplinar aqueles que julgavam fora dos padrões cientificamente organizados, eleitos como padrões que levariam à construção de uma sociedade moderna. Assim, à luz desta cultura científica os sujeitos deveriam edificar-se à imagem e semelhança dos padrões de comportamento científicos, determinada por parâmetros universais, segregando e desqualificando aqueles que não se encaixavam em tais padrões.

As práticas propostas nas escolas tinham por função serem agentes socializadores destinadas a adaptar grandes parcelas da população a uma sociedade em mudança. Concordando com Campos, Assis e Lourenço (2002), esta era uma maneira de “*adaptar a população ao processo de modernização do país, produzindo assim a força de trabalho requerida para esse processo*”, utilizando “*as técnicas de modificação do comportamento [...]*” que a psicologia sugeria (CAMPOS; ASSIS; LOURENÇO, 2002, p. 38).

Além de adaptar a população, essas novas práticas escolares propostas por Lourenço Filho, ignoravam as diferentes vozes que constituíam a matriz básica da nossa cultura, multicultural. Tomado por atrasado, o povo não foi visto em suas peculiaridades. Assim, sem o entendimento do povo real, constituía-se o povo imaginado.

Neste cenário, ganha importância, os testes de maturidade para crianças em idade escolar e os testes mentais, como meio de diagnóstico, selecionando e agrupando os alunos por faixas etárias, conhecimentos, aptidões e níveis de maturidade. Implícito nestas ações de mensuração, estava o controle sobre o que era ensinado e as aprendizagens finais dos alunos, na crença da existência de uma relação direta, matematicamente organizada, entre o que é ensinado e o que se aprende.

Assim, Lourenço Filho acreditava na existência de uma correspondência direta entre o estado de maturação da criança e o seu desempenho, com êxito, através de exercícios organizados, em atendimento a objetivos previamente fixados. Nesta relação de ensinar/aprender, a medição do QI também ajudava a organizar as classes seletivas de alunos.

No uso de uma conduta de controle e medição, Lourenço Filho ajudou a legitimar, através do conhecimento e do controle da diferenciação entre os sujeitos, políticas de intervenção e ordenação social.

A perspectiva biológica, numa concepção de sujeito do pensamento objetivo, da razão como norteadora das experiências de vida e das visões de mundo, não deixou Lourenço Filho entrever os sujeitos sociais que sempre estiveram na nossa escola, com uma forma de operar simbolicamente, o

pensamento, onde o espaço social suscita e institui internamente o conhecimento. Nesta perspectiva, o conhecimento relaciona-se ao que é relevante para o sujeito, no momento em que ele atribui valor ao que conhece, transformando em não aprendizagem, aquilo que não se relaciona às suas intencionalidades.

Assim, como sujeitos da razão, constituiu-se o padrão de aprender de nossa escola. Aos sujeitos não alinhados a esta razão objetiva e linear, a escola negou-lhes a identidade como povo brasileiro, com o desprezo pela própria cultura.

Lourenço Filho deixou profundas marcas em nossa escola, onde os conteúdos e a avaliação preponderaram sobre as formas e modos dos alunos compreendê-los e dos professores ensiná-los. Os conteúdos de português e matemática são supervalorizados em detrimento dos demais, principalmente, as artes, numa aprendizagem de resultados, que prioriza o sujeito da razão.

Neste cenário, a escola distancia-se de uma aprendizagem com sentidos próprios, múltiplos, na construção das autoidentidades, diante da multiplicidade dos sujeitos escolares.

Acontece que os novos sujeitos da Contemporaneidade não acreditam na escola como meio de levá-los a se apropriarem dos conhecimentos da cultura científica, legitimando-os, sem terem que abrir mão do que são, dos valores construídos.

Ao final do século passado uma crise global levou o mundo a uma crise de referências (HOBBSAWN, 2012, p. 393) que colocou em xeque, valores que davam sustentação a um só tipo de aluno, o da razão. Novos sujeitos chegam à escola e descontroem o sentido de verdade cartesiana existente.

Neste novo cenário, as verdades são provisórias e estabelecidas coletivamente, em diálogo, guiadas pelas intencionalidades presentes nesta construção. Isto envolve novas formas de aprender/ensinar, novos conceitos e valores, sem que se joguem luzes sobre os conteúdos.

Diferenças nas características culturais, nas expectativas sociais e nas formas de organização do pensamento dos alunos, não costumam integrar as formas de organização do currículo escolar, transformando-se, muitas vezes, em práticas uniformizadoras, tidas como ideais para todos os tipos de esforços e capacidades individuais.

No entanto, nem todos os grupos têm as mesmas referências culturais em seu ambiente social, o que acarreta uma série de dificuldades para aqueles que não participam das mesmas experiências que a escola define como indispensáveis. Em geral estes alunos que não correspondem ao ritmo da escola, são marcados por atrasos de aprendizagem.

Concordando com Senna, “ao privilegiar o conteúdo, privilegia-se apenas o sujeito cartesiano, desaparecendo assim o sujeito, por trás do conteúdo” (SENNA, 2013).

Lourenço Filho também deixou marcas na escola brasileira, em relação aos testes, como meio de diagnóstico, que seleciona os alunos e verifica conhecimentos e aptidões. A Prova Brasil, o Pisa e o Saeb que fazem parte do sistema de avaliação do ensino de nossas escolas, são uma extensão dessa ideia de verificação de conhecimentos, tomados de modo isolado, longe do contexto cultural e das peculiaridades das formas de organização do pensamento dos alunos e das formas de ensinar organizadas pelos professores. Neste cenário, as Olimpíadas de Matemática, patrocinadas pelos Institutos Matemáticos que têm por objetivo o estudo da matemática, com o incentivo à revelação de talentos na área, ganham visibilidade e a atenção da escola. Luzes também são lançadas sobre as áreas de Astronomia, Física e Química.

Assim, no percurso empreendido por Lourenço Filho, ao idealizar uma Nova Escola, impõem-se uma questão: como educador, Lourenço Filho terá construído um projeto de escola para o povo brasileiro, com o olhar para os sentidos próprios de sua gente, ou ajudou a reificar o sujeito da razão cartesiana? Em suas investigações sobre os sujeitos escolares o seu olhar preferencial sempre esteve voltado para o sujeito da razão e não, para o sujeito social, cujas propriedades ainda precisam ser investigadas, pela escola e pela cultura científica.

Portanto, esta não é uma tarefa a ser abandonada. Pela reinvenção, cada um de nós professores, no trabalho diário na escola, pode contribuir, na busca do sentido de autoria, pelas visões de mundo próprias dos sujeitos escolares, reinventando o aluno e o professor.

REFERÊNCIAS

CAMPOS, F.H.R; ASSIS, M.R; LOURENÇO, E. Lourenço Filho, a escola nova e a psicologia. In: *Introdução ao estudo da Escola Nova* – bases, sistemas e diretrizes da Pedagogia Contemporânea. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

COELHO, C.C.S. *Interações subjetivas no contexto escolar* – uma prática possível? Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

GADOTTI, M. *História das ideias pedagógicas*. São Paulo: Ática, 2005.

HOBSBAWN, E. *Era dos extremos* – o breve século XX – 1914-1991. Trad.: SANTARRITA, M. São Paulo: Companhia das Letras, [1995] 2012. ISBN 978-85-7164-468-7.

HOCHMAN, G. Logo ali, no final da avenida: os sertões redefinidos pelo movimento sanitário da Primeira República. *Revista História, Ciências, Saúde* – Manguinhos, Rio de Janeiro, v. 5, supl. 0, 1998. Versão impressa, ISSN 0104-5970. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0104-59701998000400012>>.

NUNES C. Historiografia comparada da escola nova: algumas questões. *Revista da Faculdade de Educação USP*, São Paulo, [online], vol. 24, n. 1, pp.105-125, jan./jun. 1998. ISSN: 0102-2555. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/S0102-25551998000100008>>.

_____. Desencantos da modernidade pedagógica. In: *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

RIBEIRO, M.L.S. *História da Educação Brasileira: a organização escolar*. Campinas, SP: Autores Associados, [1978] 2003.

SENNÁ, L.A.G. *Notas de aula*. Grupo de Pesquisa coordenado pelo professor doutor Luís Antônio Gomes Senna. UERJ. Em: 23/09/2013.

RESUMO

Neste texto analisamos a doutrina de Manoel Bergstrom Lourenço Filho, um dos líderes de maior expressão do Movimento Escolanovista. Este movimento por uma nova escola, chega por volta de vinte anos após já ter se consolidado na Europa e nos países americanos, por uma nova escola para o Brasil.

Em um momento marcado por novas ideias, novas práticas que modificassem a escola que até então apresentava-se como competitiva, baseada na memorização e na repetição, o Movimento da Escola Nova opunha-se a estas ideias, buscando o respeito à liberdade e à individualidade, com base nos avanços científicos da biologia e da psicologia aplicadas à educação.

Neste percurso, nos interessa esclarecer se as práticas inovadoras, símbolo de uma educação em mudança, vieram realmente a transformar o cenário educacional, criando sentidos, dando novos significados e provocando as aprendizagens, ou se simplesmente ajudaram a reificar o sujeito cartesiano, revestindo-o de novas teorias?

Assim, importa sabermos que sentidos tais mudanças trouxeram ao ensino? De que forma isto se refletiu na escola que temos hoje?

No Brasil, este período foi marcado pela escolha de um modelo econômico de uso do capital estrangeiro, concentrando lucros nas mãos de alguns e tornando a maioria da população excluída, apesar de seu protagonismo na produção da riqueza do país. Várias manifestações foram se formando e se intensificando à medida que o setor médio da população foi crescendo. Clamava-se por mudanças. Atribuiu-se à educação a possibilidade de gerar o progresso, colocando o Brasil no caminho das grandes nações do mundo.

Como educador Lourenço Filho procurou intervir na organização da sociedade brasileira, de modo a engajá-la nas mudanças sociais que acompanhavam os processos acelerados de modernização a partir da década de 1920, num cenário de recuperação econômica mundial.

Neste momento discutia-se a nacionalidade como um organismo social doente a necessitar de remédio para sua cura.

Com HOCHMAN(1998) ampliamos o entendimento sobre a relação que se estabelece entre a falta de políticas públicas de saúde e saneamento básico, que levou à criação do movimento sanitário, e a pretensão em recuperar e ou fundar a nacionalidade do povo brasileiro.

Com Lourenço Filho, as preocupações se restringiram ao âmbito das atividades de pesquisa, tratando da educação como integração nacional, questão da sua época, do ponto de vista biológico.

Num cenário de modernização, Lourenço Filho propõe a reformulação da educação das elites e das camadas populares, diferenciando a educação para os trabalhadores, daquela destinada às camadas populares, e a seleção daqueles para serem educados nas escolas secundárias e nas instituições de ensino superior.

Neste entendimento de uma nova escola, Lourenço Filho utilizou-se de procedimentos técnicos, baseados em estudos científicos, testes de verificação do potencial de aprendizagem e introduziu as atividades de laboratório no ensino de formação de professores, com o intuito de compreender os hábitos, temperamento e caráter do povo brasileiro, na crença de melhor controlar e corrigir o comportamento adulto da criança.

Neste mesmo esforço de modernizar a nação, a igreja católica cria um projeto pedagógico, brasileiro- os Institutos de Educação ou Escolas Normais- que incorporam os laboratórios como uma prática científica moderna.

Estes Institutos transformaram-se em locais de formação de professores, voltados para as conquistas da ciência do século XIX, nas áreas da Biologia, Psicologia e Estatística aplicada à educação. Pretendia-se operar mudanças na visão pedagógica e na mentalidade do povo.

Acontece que a utilização de novos métodos e processos educacionais baseados em conhecimentos científicos, passaram a se opor ao ideário que uma grande parcela dos alunos, suas famílias e os professores

havam construído sobre a escola, o que implicou no delineamento de padrões de comportamento científico a determinar os comportamentos e aprendizagens de alunos, pais e professores.

Neste percurso cabe uma reflexão: em suas investigações sobre os sujeitos escolares o olhar preferencial de Lourenço Filho sempre esteve voltado para o sujeito da razão e não, para o sujeito social, cujas propriedades ainda precisam ser investigadas, pela escola e pela cultura científica.

Palavras-chave: Escola Nova. Formação de professor. Identidade.

ABSTRACT

In this text, it is analyzed the doctrine of Manoel Bergstrom Lourenço Filho, one of the most significant leaders from the New School Movement. This movement emerged around twenty years after its consolidation in Europe and in American countries with the purpose to develop a new school for Brazil.

At a moment marked by new ideas and practices that could modify the school that was, until that point, characterized as competitive, focused in memorization and repetition, the New School Movement opposed to these ideas, seeking the respect of freedom and individuality, based in biology and psychology scientific advances applied to education.

Along this path it is important to clarify if the innovative practices, symbols of an education in changing, really transformed the educational scenario, creating new meanings and resulting in learning, or if they just helped to reify the Cartesian Subject, filling it with new theories.

It is important to know: which meanings did these changes bring to education? How does this reflect on the kind of school we have nowadays?

In Brazil, this period was marked by the choice of an economic model based on foreign capital, concentrating profits in the hands of a few and excluding most of the population, despite being a leading hole in the generation of the national wealth. Many manifestations took place and got intensified by the growth of the middle sector of the population, which claimed for changes. Education was seen as a possibility to generate progress and put Brazil between the greatest nations of the world.

As an educator, Lourenço Filho attempted to intervene in the organization of Brazilian society, in a way to engage it in the social changes that followed the accelerated modernization processes started in the 1920s, in a scenario of global economic recovery.

At that moment, the nationality was seen as a sick social organism that needed medicine to be cured.

With HOCKMAN (1998) the understanding about the relation established between the lack of public policies and basic sanitation was enlarged, which resulted in the creation of the sanitarian movement and the claiming to recover or establish the nationality of the Brazilian people.

With Lourenço Filho the concerns were restricted to the camp of research activities, dealing with education as national integration, an issue of that moment, from the biological point of view.

In a scenario of modernization, Lourenço Filho proposes a reformulation in the education provided to the elite and grassroots classes, differentiating the education directed to workers from that offered to the grassroots classes, and the selection of those who would study at secondary schools and higher education institutions.

With the conception of a new school, Lourenço Filho used technical procedures based on scientific studies, learning potential tests and introduced laboratory activities during the teachers training process, aiming to understand the habits, temperament and character of the Brazilian people, with the belief to better control and correct the child's adult behavior.

With the same effort to modernize the nation, the Catholic Church created an educational project, the Education Institutes, which incorporated laboratories as a modern scientific practice.

These Institutes became places for teachers training, focused on the science achievements of the 19th century in Biology, Psychology and Statistic applied to education. It was intended to provide changes on the pedagogical vision and on people's mentality.

At this point, it is important to make a reflexion: in his investigations about school subjects, Lourenço Filho has always paid attention on the rational subject and not on the social subject, which characteristics still need to be investigated by school and scientific culture.

Keywords: New School. Teachers training. Identity.

Submetido em: julho de 2014
Aprovado em: setembro de 2014